



Hortas urbanas na produção dos “espaços comuns”: o desenho do território no Rio de Janeiro

Fernanda Sánchez

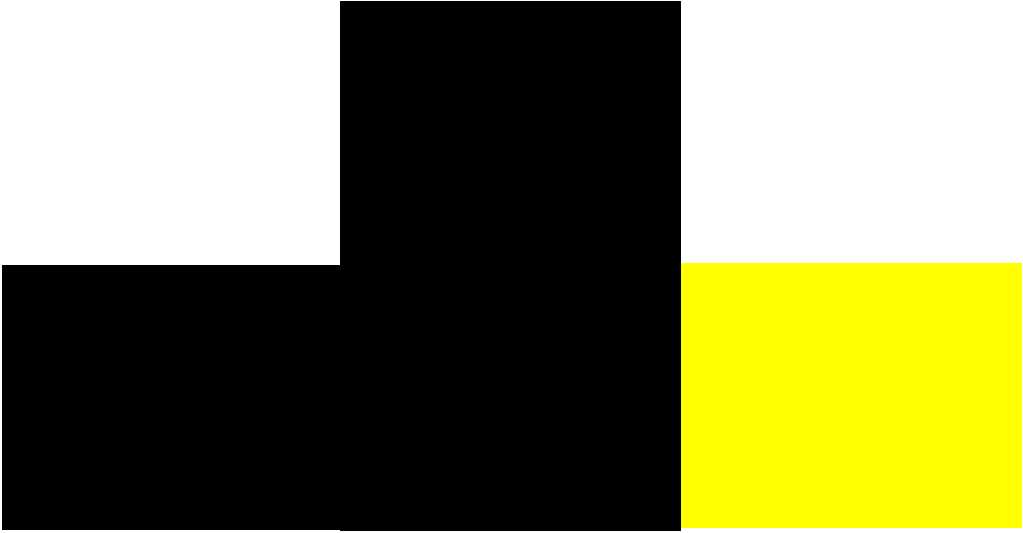
Arquiteta e urbanista, professora do Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura e Urbanismo UFF, áreas de interesse: território, conflitos urbanos e produção dos espaços comuns.

Lorenza Paste Yang

Arquiteta e urbanista pela Escola de Arquitetura e Urbanismo UFF, áreas de interesse: hortas urbanas, produção dos espaços comuns e cartografias colaborativas.

Luiza Helena Gualberto

Estudante da Escola de Arquitetura e Urbanismo UFF, áreas de interesse: hortas urbanas, produção dos espaços comuns e cartografias colaborativas.



Resumo: O trabalho apresenta a tese de que as hortas urbanas podem ser enxergadas enquanto novas territorialidades, engendradas nas tensões epistêmico-políticas da cena urbana contemporânea. O caminho teórico-metodológico é traçado por uma trama conceitual de fios descoloniais, que passa por “buen-vivir”, “espaços comuns” e “pluriverso”. No que se refere ao objeto empírico vivencial a lente recai sobre algumas experiências de agroecologia, assim como nas cartografias advindas de esforços coletivos de reconhecimento em escala macro territorial. O “mapeamento colaborativo das hortas comunitárias” e o “mapeamento de experiências de agroecologia”, ambos no Rio de Janeiro, provocam reflexões acerca da ecocidadania e da territorialização da cidadania. A feitura dos mapas traz a “experiência de cartografar as experiências” e traduz os territórios “comuns” das hortas em grafagens: cartografagens, grafagens da terra-território, marcações dos espaços comuns que sugerem co-presenças e redes de apoio. Estas teias de solidariedade socioambiental buscam se sustentar numa cidade atravessada por milícias e narco milícias, agravadas pela ausência do Estado. O artigo está dividido em quatro partes: introdução, a trama conceitual, a experiência de cartografar as experiências dos “comuns” e as considerações finais - por onde andamos, para onde vamos?

Palavras-chave: Hortas Urbanas; Agroecologia; Território; Espaços Comuns.

Abstract: The work presents the thesis that urban gardens can be seen as new territorialities, engendered in the epistemic-political tensions of the contemporary urban scene. The theoretical-methodological path is traced by a conceptual web of decolonial threads, which passes through “good living”, “common spaces” and “pluriverse”. With regard to the experiential empirical object, the lens falls on some agroecology experiences, as well as on the cartographies arising from collective recognition efforts on a macro-territorial scale. The “collaborative mapping of community gardens” (uerj) and the “mapping of agroecology experiences” (eau tcc), both in Rio de Janeiro, provoke reflections on eco-citizenship and the territorialization of citizenship. Making maps brings the “experience of mapping experiences” and translates the “common” territories of gardens into graphs: cartographs, graphs of land-territory, markings of common spaces that suggest co-presences and support networks. These webs of socio-environmental solidarity seek to sustain themselves in a city crossed by militias and narco militias, aggravated by the absence of the State. The article is divided into four parts: introduction, the conceptual plot, the experience of mapping experiences of “commons” and final considerations - where have we been, where are we going?

Keywords: Urban Gardens; Agroecology; Territory; Common spaces.

1. INTRODUÇÃO

A horta é uma prática milenar que acompanha a humanidade desde a revolução agrícola, durante o período neolítico, quando o homem migrou do sistema de caça e coleta para a agricultura. Desde então, foram desenvolvidas diversas técnicas de cultivo e manejo do solo que permitiram a sobrevivência e permanência do ser humano no planeta. Essa atividade teve grande protagonismo feminino, visto que os homens saíam para caçar, enquanto as mulheres permaneciam e cultivavam de acordo com o estudo das estações do ano.

Classificadas como Agricultura Urbana e Periurbana (AUP), as hortas ganharam notoriedade expressiva nas cidades da América Latina, Ásia e África a partir dos anos 1980, como uma tentativa de solução da escassez alimentar causada pelas crises econômicas que diversos países desses continentes, na periferia do capitalismo, enfrentaram naquele período.

No Brasil, elas ganharam força devido a incentivos governamentais no contexto da redemocratização do País. Tais incentivos visavam a implementação de hortas em meios urbanos. Foi nos anos 1990 que as hortas tiveram maior visibilidade devido à capacidade de integração nos processos sociais do ambiente urbano e a força das relações interpessoais dos coletivos, que recuperam a cultura rural brasileira, bem como as práticas ancestrais de origem indígena e afro diaspórica.

Nos tempos atuais, as hortas desempenham um papel muito significativo no contexto social e urbano das cidades brasileiras. Contudo, o Rio de Janeiro é um exemplo da complexidade dos processos sociais e políticos que as envolve. Por um lado, as hortas urbanas têm a potência de enfrentar as desigualdades abissais e melhorar as condições socioeconômicas da população vulnerável da cidade. Por outro lado, essas experiências, baseadas na agência de sujeitos coletivos, especialmente mulheres, são atravessadas pela existência de conflitos sociais agravados pela ausência do Estado nas comunidades, que sofrem o domínio de grupos paralelos. O controle dos territórios populares pela milícia e

pelo narcotráfico impõe limites, ruídos e grandes desafios às protagonistas das experiências.

A urbanização capitalista caminha no sentido do comprometimento da natureza, da obtenção de lucro máximo e da captura da terra. A natureza, esse outro absoluto, tem sido apropriada por uma razão matemática que, assim, a nega na sua materialidade. No terreno nada abstrato da *physis* o aquecimento global é a manifestação da combinação da lógica abstrata matemática que nega a natureza e se faz acumulação monetária-lucro. Aqui, nessa tensão epistêmico-política, novas territorialidades estão sendo engendradas, conforme Arturo Escobar (2018b) e Carlos Walter Porto-Gonçalves¹ (2020). As hortas urbanas podem ser enxergadas sob essa perspectiva.

O artigo está dividido em quatro partes: introdução, a trama conceitual, a experiência de cartografar as experiências dos “comuns” e, por fim, as considerações finais - por onde andamos, para onde vamos?

2 - A TRAMA CONCEITUAL

A relação entre saberes e territórios vem ganhando um sentido mais intenso nos estudos urbanos, assim como o direito à diferença ganha maior visibilidade. O território não é algo anterior ou exterior à sociedade. Território é espaço apropriado. Há, sempre, território e territorialidade, ou seja, processos sociais de territorialização. Num mesmo território há, sempre, múltiplas territorialidades e disputas (OLIVEIRA et al.2016). Todavia, o território tende a naturalizar as relações sociais e de poder, pois se torna abrigo, lugar onde cada qual se sente em casa, mesmo que numa sociedade dividida (LAGE, 2018). Assim, “a historicidade de toda humanidade reside em ser enraizado, e ser enraizado é sentir-se em casa” (PORTO GONÇALVES, 2020, p.43).

¹ Dedicamos este artigo à memória do Professor Carlos Walter Porto-Gonçalves, que nos apresentou as noções de territorializações, territorialidades, e nos orientou para um agir pensar posicionado, voltado ao “meio ambiente inteiro”. Infelizmente, Carlos Walter nos deixou em setembro de 2023.

Para a reflexão acerca das experiências dos coletivos de hortas urbanas propõe-se uma trama conceitual composta de diversos fios entretecidos: saberes e territórios, diversidade e emancipação (PORTO-GONÇALVES, 2020), pertencimento à terra e produção de “espaços comuns” (STAVRIDES, 2016), política do “pluriverso” e movimento entre o real e o possível nas cidades (ESCOBAR, 2020), o “bem-viver” construído na experiência coletiva (ACOSTA, 2017), a ética e o cuidado com a Terra (DE LA BELLACASA, 2017). Perceber as hortas urbanas como processos de territorialização conduz o pensamento para a apreensão das relações entre a habitabilidade e o design dos espaços ou, em outras palavras, para a leitura da “terraformatividade” das cidades (ESCOBAR, 2018a). As hortas indicam um movimento em direção à transição civilizatória que concebe o “ambiente inteiro” (PORTO-GONÇALVES, 2002) e o bem-viver relacionado ao senso de pertencimento, a partir de AbyaYala/Afro/América Latina (ESCOBAR, 2018b). (Figura 1)

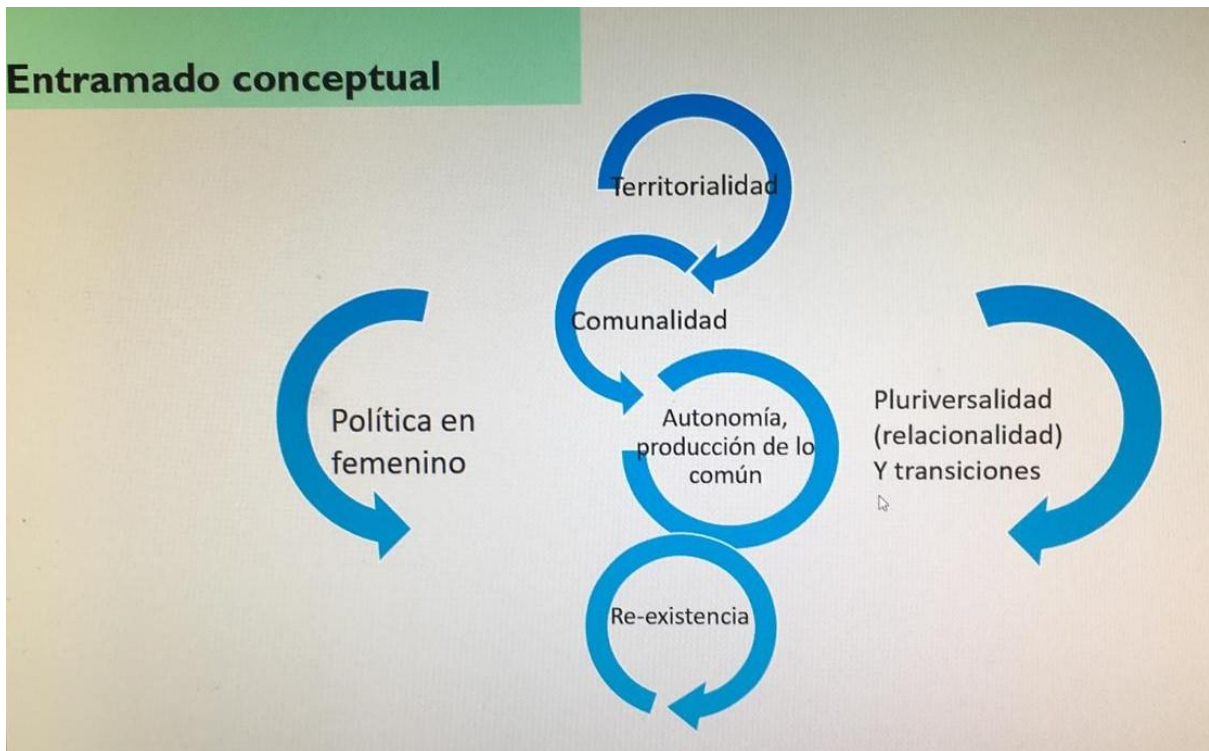
Figura 1: Abya Yala/Afro/América Latina



Fonte: ESCOBAR, 2023.

Pode-se considerar os processos por meio dos quais os conhecimentos acima enunciados podem dialogar, se relacionar. O que se visa é um diálogo de saberes que supere a colonialidade do saber e do poder (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2005), o qual proporcione que outros mundos de vida urbana ganhem o mundo, ganhem o reconhecimento de novos lugares de enunciação - de práticas relacionadas com a ancestralidade, de teias inscritas no território. (Figura 2)

Figura 2 - A Trama Conceitual



Fonte: ESCOBAR, 2023

Assume-se um olhar desde uma perspectiva emancipatória, nesse momento histórico em que velhos protagonistas, como os indígenas e os afrodescendentes, entram em cena reinventando-se agora com mais visibilidade, também nas urbes. O território é instituído por sujeitos e grupos sociais que se afirmam por meio dele. Segundo Catherine Walsh, “a multi ou pluriculturalidade simplesmente parte da pluralidade étnico-cultural da sociedade e do direito à diferença” sendo cada cultura mais uma que se soma ao mesmo sistema de relações sociais e de poder (WALSH, 2013, p.43).

Trata-se de buscar não só “outras relações” entre grupos, como também entre práticas, lógicas e conhecimentos distintos, com o afã de confrontar e transformar as relações de poder (incluindo as estruturas e instituições da sociedade) que naturalizam as assimetrias sociais. Indica-se uma outra episteme que para ser outra, o outro há que ser outro na sua outridade (GROSFOGEL, 2007).

As hortas urbanas são experiências territoriais muitas vezes protagonizadas por mulheres, na América Latina, no Brasil e, no caso em tela, Rio de Janeiro. Nelas pode-se ver a política em chave feminina, ou as *práxis* ativistas. (ESCOBAR, 2010, 2013, 2018b; ALLEN, 1990), a forma-terra da vida. (Figura 3)

Figura 3 - Território - a Política em Feminino.



Fonte: ALLEN, P, 1990.

Na contracorrente da cidade neoliberal, daquela consumida pela classe média, as hortas urbanas, periféricas e populares, sinalizam uma outra cidade. Como sugere Adrián Cárdenas Roa:

Trata-se de outra cidade e de outros territórios que se encontram em processo de germinação, que surgem como as plantas silvestres entre os trilhos...em meio à rudeza da vida urbana, no meio da competição do dia a dia, que seguem no seu tempo e no seu ritmo a multiplicar-se pelas ruas, os bairros e as localidades. Uma cidade invisível que está sendo produzida, e que vai preenchendo os espaços livres deixados pela cidade formal, pela cidade normatizada e pela cidade neoliberal (ROA apud ESCOBAR, 2023).

Cabe imaginar uma cidade como utopia experimental, em direção à cidade pluriversal e relacional, geradora de uma ontologia rizomática. Tal imaginação permite redesenhar a relação energia-espço-lugar-horta. A cidade pluriversal / pós-humana é uma- cidade reintegrada com a Terra, cidade porosa, rizoma, híbrida, pós-capitalista, descolonial e pós-liberal, com regiões e territórios “rurbanizados”, cidade da proximidade, dos espaços comuns, dos coletivos agroecológicos. Tal idealização da urbe dá emergência às alternativas ao modelo liberal de cidade, nas quais as hortas e a agroecologia produzem, em conjunto, “ilhas” de urbanidade alternativa e anti-capitalista (LAGE, 2018), que inspiram “outra arte de habitar a terra”, nas palavras de Moira Millán, ativista mapuche (Millán apud ESCOBAR, 2023). Nestas renovadas territorialidades alternativas, um habitar diferente é possível com hortas urbanas, saneamento ambiental e novas infra-estruturas para a vida. As/os habitantes que lhe dão conteúdo têm fortes raízes camponesas, rurbanas e ancestrais (KOPENAWA, 2015), além de capacidades para re-existir em contextos adversos, violentos, de despossessão, em teias solidárias forjadas nas lutas cotidianas (MIRAFTAB, 2016; HIRATA, GUIMARÃES, 2012).

Na próxima seção será possível identificar a pluralidade de experiências que foram registradas e grafadas no mapa colaborativo desenvolvido na EAU UFF (YANG, 2023).

3 - A EXPERIÊNCIA DE CARTOGRAFIAR AS EXPERIÊNCIAS DOS “COMUNS”

Se o espaço é apropriado, marcado, grafado no processo histórico tendo, assim, uma historicidade, esse fato nos impõe a necessidade de levar a sério essa geograficidade da história, inclusive, no campo das idéias, do conhecimento (ACSELRAD, 2013, MBEMBE, 2004).

A ideia é que, por meio do mapa e da grafagem de suas práticas, novas agentes, que em algumas situações se tornam lideranças ou protagonistas, como mulheres periféricas afrodescendentes, entram em cena reinventando-se agora com mais visibilidade (MOREIRA et al, 2020; MASSEY, 2004; SPIVAK, 2010, LARISSA et al.2020, MELO, 2015).

Tais reflexões nos mostram a importância de realizar um processo cartográfico de forma colaborativa (RENA et al.2016), com a participação ativa dos sujeitos, agentes transformadores de suas realidades, e isso pode se dar por meio de diferentes metodologias de pesquisa (RANDOLPH; GOMES, 2010; SANTOS, 2011). Aqui são trazidos, brevemente, alguns exemplos práticos e experimentais, como o mapeamento colaborativo das Hortas Comunitárias do projeto de extensão Núcleo de Assessoria Técnica Popular (NATEP) da UERJ, e o mapeamento colaborativo e interativo do TCC Permacultura Urbana (YANG, EAU-UFF, 2023).

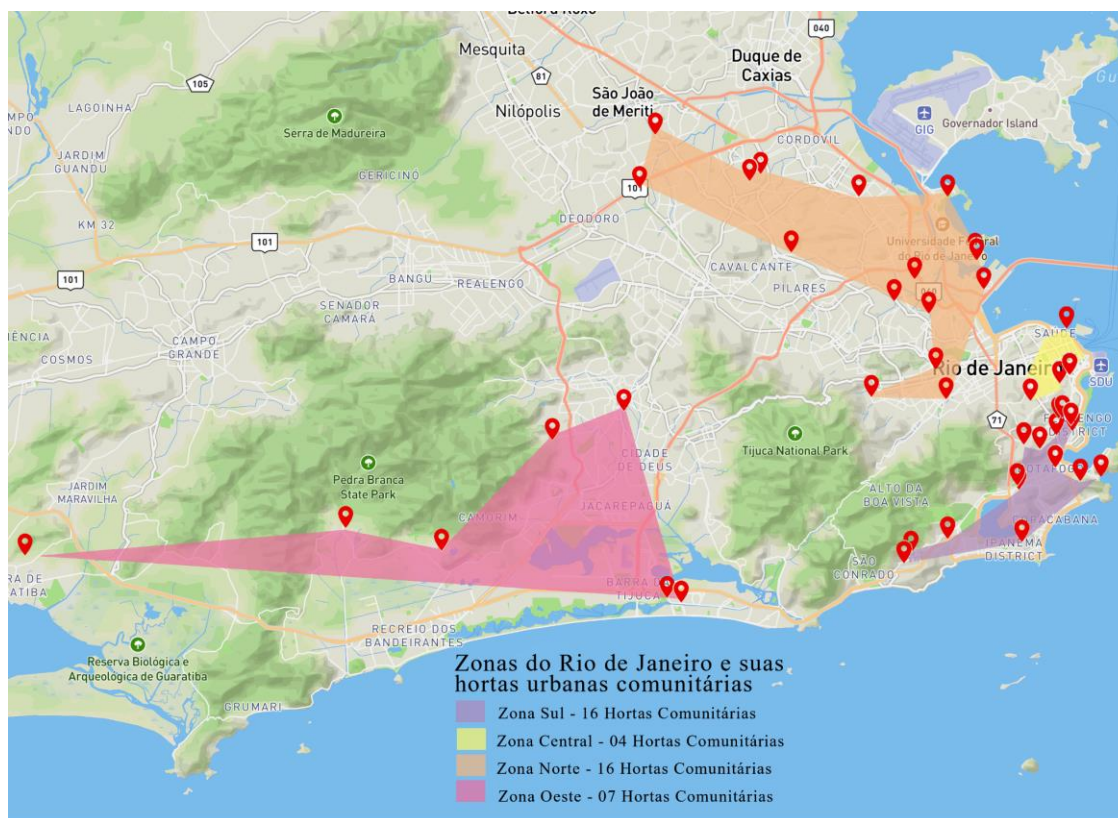
O projeto de extensão multidisciplinar NATEP foi idealizado com o objetivo de desenvolver projetos de arquitetura e urbanismo para habitação social. Nessa proposta, surgiu o projeto de pesquisa sobre hortas e paisagismo, que prevê projetos de paisagismo e ações sociais em agroecologia para comunidades periféricas. Contudo, durante o processo do projetar, notou-se a necessidade da produção de espaços comuns, e de sua leitura, como forma de transformação nas relações interpessoais, percepções e uso dos cidadãos com o espaço público.

Assim, durante o ano de 2022, foi desenvolvido o levantamento de um mapa colaborativo de hortas comunitárias e prática da agroecologia na cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa foi desenvolvida na plataforma *Google My Maps*, onde era feita a

documentação das informações levantadas sobre os espaços, marcados individualmente e separados em polígonos por suas respectivas zonas geográficas. O mapeamento das hortas levou cerca de um ano e meio, e o processo contou com algumas visitas de campo, andanças, pesquisas virtuais e coleta de dados através de moradores locais.

É interessante observar que a Zona Sul possui a mesma quantidade de hortas comunitárias que existem na Zona Norte da cidade, sendo 16 no total para cada zona (Figura 4). Na Zona Oeste foi possível mapear apenas 7 hortas comunitárias e na Zona Central foram 4.

Figura 4 - Mapeamento de hortas urbanas comunitárias no estado do Rio de Janeiro



Fonte: NATEP/UERJ (2022)

O mapa colaborativo tem como objetivo promover o acesso à informação a todos os cidadãos, tendo em vista a importância do desenvolvimento das práticas agroecológicas como forma de resgatar a cultura indígena e afro-brasileira, do cultivo e manejo da terra para produção autossuficiente e soberania alimentar, respeitando os processos naturais e a ancestralidade dos modos de lidar com a terra. Sendo assim, dessa pesquisa foi produzido um *ebook* sobre agroecologia e ambientalismo, e disponibilizado

de forma gratuita a metodologia para a produção de hortas comunitárias. Além disso, está em desenvolvimento um livreto de educação ambiental e horticultura como terapia sensorial para crianças neurodivergentes.

No caso do TCC 2023, o [mapeamento colaborativo e interativo](#) abrangeu seis tipos de ações permaculturais e seis tipos de agentes, indo além das hortas comunitárias, como vimos no exemplo anterior. Buscou-se mapear projetos, ações e coletivos na cidade do Rio de Janeiro, ligados à agroecologia, hortas urbanas, feiras agroecológicas, bioconstrução, saneamento ecológico e compostagem. No processo investigativo, identificou-se seis tipos de agentes principais, que representam a origem de determinada ação, sendo eles: comunitários, movimentos sociais, institucionais, governamentais, ONGs e empresariais. Assim, o mapeamento colaborativo tornou-se também interativo, com as diferentes camadas de informação podendo ser visualizadas pelas cores e pelos símbolos (sujeitos e ações respectivamente) de modo geral, e aprofundadas ao clicar em cada ação, de modo específico.

A metodologia de pesquisa utilizada na elaboração da cartografia-processo foi por meio do contato direto com as lideranças, alguns já conhecidos por uma das autoras deste artigo, outros contactados após uma ampla busca na internet. Na medida que um agente transformador indicava outras pessoas ou coletivos, dando continuidade à investigação, a rede de contatos aumentava, assim como a malha rizomática no mapa, ao inserir os pontos de cada projeto ativo confirmado. O rizoma surge como representação do movimento em direção à cidade pluriversal e relacional, imagem que sugere uma ontologia rizomática da cidade (Figura 5).

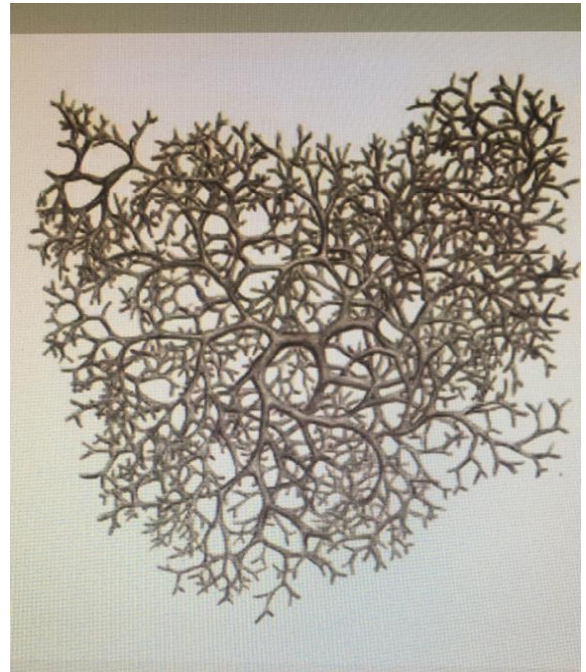


Figura 5 - O rizoma e a cartografia em rede
Fonte: ESCOBAR, 2023

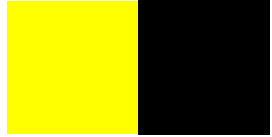


Figura 6: YANG. Permacultura Urbana: a criação de espaços comuns do Bem-viver no Rio de Janeiro, p. 35, 2023.

Legenda da simbologia cartográfica	
Tipologia de ações	Tipologia de sujeitos
Eixo Meio Ambiente	
Horta Urbana	Comunitário (iniciativas populares, associações de moradores e coletivos locais)
Agroecologia	Movimentos Sociais (coletivos de luta social e/ou ambiental)
Feira Agroecológica	Institucional (universidades, escolas, instituições de ensino e pesquisa)
Eixo Habitat Construído	
Saneamento Ecológico	Governamental (programas do governo e políticas públicas)
Compostagem	Organizações e associações (de direito civil sem fins lucrativos)
Bioconstrução	Empresarial (iniciativas privadas, prestadores de serviço)

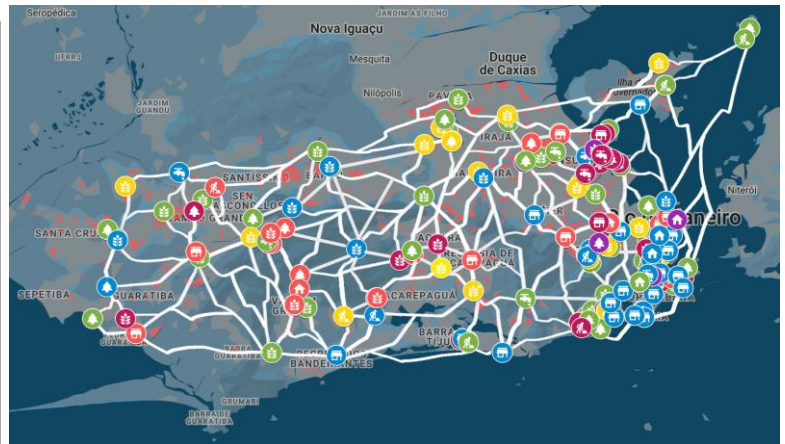


Figura 7: YANG. Permacultura Urbana: a criação de espaços comuns do Bem-viver no Rio de Janeiro, p. 36, 2023.

Link de acesso ao mapeamento: https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?hl=pt-BR&mid=1Aw9h8HdMvdPYXKj0EPn_Ujq0dnxIdUA&ll=-22.901122985119216%2C-43.57561286849999&z=10

Ambos mapeamentos colaborativos utilizaram a ferramenta *My Maps* da plataforma google, pela versatilidade, pela possibilidade de baixar o arquivo e rodar em outras ferramentas, e pela acessibilidade, mediante a qual tais informações podem ser divulgadas e aproveitadas com mais facilidade, na intenção de aumentar o número de pessoas conhecendo e tendo contato com projetos e coletivos, muitas vezes mais próximos do que se imagina da sua casa, ou da cotidiana mobilidade do ir e vir do trabalho, pelos trajetos da cidade.

Além do mapeamento, no TCC também foram realizadas aproximações em três lugares diferentes no Rio de Janeiro, nos quais as lideranças tiveram disponibilidade e abertura para a troca. Foram elas: o projeto Horta na Favela, do Flavinho, na Rocinha; o projeto Telhado Verde, Ricardo e do Yuri, no Engenho da Rainha; e o projeto Fórmula Mágica da Paz, do Otávio, em Barros Filho. Os três exemplos estão inseridos em áreas periféricas, com a população de baixa renda e muitas famílias em situação de

vulnerabilidade. A insegurança alimentar e a vulnerabilidade socioeconômica atingem de forma desigual os territórios de nossas cidades, e projetos como esses ajudam a trazer comida de qualidade, em preço acessível e até de graça, para essas famílias.

As três aproximações podem ser consideradas ações agroecológicas, por promoverem não apenas o espaço da horta e alimento para a população do entorno, como outras atividades ligadas ao desenvolvimento integral daquele local. Se utilizam de técnicas agroflorestais, da compostagem, e buscam sempre a troca de conhecimento com os demais projetos e setores da sociedade, para aumentar o raio de alcance de impacto positivo na vida das pessoas que mais precisam, e que mais sofrem com os sintomas da desigualdade social. No trabalho, foram realizadas entrevistas, e nele há livre acesso à transcrição completa dessas entrevistas, com os fundadores dos três projetos aqui citados (YANG, 2023).

Algumas aproximações às vivências dos comuns possibilitaram vislumbrar as vantagens de falar a partir desse outro lugar de enunciação. Efetivamente, é necessário convalidar as formas comunitárias de apropriação da terra e dos recursos naturais. Há sempre um saber inscrito no fazer. O saber material é um saber do tato, do contato, dos sabores e dos saberes, um saber com (o saber da dominação é um saber sobre). Há um saber ins-crito, e não necessariamente es-crito, grafado nas hortas comunitárias. Há nessas experiências saberes que se fazem desde os lugares, desde o cotidiano, desde as lutas que, de um ponto de vista subalterno, são cotidianas.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS: por onde andamos, para onde vamos?

A tessitura deste artigo permitiu perceber que as hortas urbanas podem ser enxergadas enquanto novas territorialidades, engendradas nas tensões epistêmico-políticas da cena urbana contemporânea. A trama conceitual que sustentou a aproximação aos casos empíricos, de mapeamento e de sucessivas aproximações às experiências, possibilitou também identificar desenhos de territorialidades utópicas.

Nelas, des-liberalizar e re-futurizar a cidade e a terra urbana surgem como ideias em movimento.

Todas e todos somos responsáveis pelos mundos urbanos que co-criamos, no contexto de uma dinâmica de emergência climática, ambiental, urbana e societária. Vivemos também as contingências e os contingenciamentos, numa cidade metropolitana atravessada por conflitos, controle territorial liderado por milícias e coalizões de poder que configuram urbanizações *world class*, territórios exclusivos, usos seletivos e apartações socio-ambientais de diversos tipos. Tentar interromper o projeto globalizador de encaixar todos os mundos num só mundo, deixar de contribuir com a narrativa neoliberal, passa pelo exercício de promover descolonizações do pensamento e da ação, bem como aproximar-se de experiências daquelas e daqueles que territorializam a vida no dia a dia.

Mapear as ações que relacionam experiências comuns de produção de hortas urbanas é uma iniciativa que trata, ainda que com alcance modesto, de trabalhar pelas atividades de tecer e de reparar o pluriverso, um ponto, uma trama, diversos fios para o bordado das bordadeiras coletivas da terra urbana. Cada experiência localizada de horta urbana tem o desenho, o projeto, o *design* como práxis de reparação do tecido, das inter relações que constituem os territórios que somos e habitamos. Assim, perceber o rizoma e as relações que ele evoca, pensar e trabalhar no tecido desses fios é mobilizar-nos por novas formas de habitar na/sobre a Terra.

Podemos, por fim, considerar que agentes transformadores da realidade estão por toda parte, espalhados pela malha de nossas cidades, como as cartografias colaborativas permitem identificar. Esses mudam seus territórios para melhor com as próprias mãos, com os recursos disponíveis, mesmo que estes sejam escassos, e refundam as experiências dos “comuns” urbanos. É a perseverança, a fé, a resiliência, que mantém esses projetos de pé, e o sonho vivo no coração de cada participante, de cada colaborador, de cada agente transformador que tece a trama da comunidade territorializada em hortas. São entusiastas, pioneiros, sonhadores, que estão hoje com a mão na terra, com seus corpos-território, para reconstruir as bases de um mundo mais justo, uma sociedade mais

acolhedora, e um sistema mais auto regenerativo, que colabore para garantir um futuro duradouro e permanente no planeta Mãe Terra.

Este trabalho, que necessariamente terá que ser aprofundado por outros que virão, possibilitou vislumbrar os contornos e as potências das hortas urbanas como propostas de alargamento da democracia comunitária, além de uma boa perspectiva para fundarmos um novo diálogo de saberes. Quem sabe, as hortas urbanas como vivências dos espaços comuns, sejam as melhores traduções disponíveis para re-imaginar a terra urbana, assim como as territorialidades diversas na cidade.

5 – REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2017. O Bem Viver como alternativa ao desenvolvimento (pp. 69- 88).
- ACSELRAD, H. (Org.). **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ: Coleção Território, Ambiente e Conflitos Sociais, 2013.
- ALLEN, P. G. **The woman I love is a planet; The planet I love is a tree**. *Reweaving the world: The emergence of ecofeminism*, p. 52-57, 1990.
- DE LA BELLACASA, M.P. **Matters of care: Speculative ethics in more than human worlds**. U of Minnesota Press, 2017.
- ESCOBAR, A. Aula proferida na disciplina Colonialidade do Pensamento Urbano em 6 de outubro de 2023. Plataforma **YouTube do LabCidade**, São Paulo: FAU USP, 2023.
- ESCOBAR, A. Chapter 8. Beyond “Regional Development”: A Design Model for Civilizational Transition in the Cauca River Valley, Colombia. In: Arturo Escobar. **Pluriversal politics: the Real and the Possible**. Duke University Press, 2020, pp. 136 - 151.
- ESCOBAR, A.. Habitabilidad y diseño: la interdependencia radical y la terraformatividad de las ciudades. In: **Astrágalo. Cultura de la Arquitectura y de la Ciudad**, 25 (2018a), pp.19-44.
- ESCOBAR, A. **Un otro posible es posible: caminando hacia las transiciones desde Abya Yala/Afro/Latino-américa**. Bogotá, Ediciones desde Abajo, 2018b.

ESCOBAR, A. Worlds and knowledges otherwise: the Latin American Modernity/Coloniality Research Program. In: MIGNOLO, Walter; ESCOBAR, Arturo (eds.) **Globalization and the Decolonial Option**, 2013. p.33-64.

ESCOBAR, A. **Territorios de diferencia: lugar, movimientos, vida, redes**. Popayán: Enviñon Editores, 2010.

GROSFUGEL, R. “Descolonizando los universalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas”. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFUGEL, Ramon (coords.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensa, 2007.

HIRATA, H.; GUIMARÃES, N.A. **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2012.

KOPENAWA, D. e ALBERT, B. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. pp.11-42.

LAGE, J. Influências no processo de formação do tecido urbano dos bairros pericentrais de Maputo. O caso de Chamanculo C, Maxaquene A e Polana Caniço A. **Revista de Morfologia Urbana** (2018) 6(2): e00105

LARISSA, L.; HARKOT, M.; SANTORO, P. F.; ALHO, I. B.; BRITO, G. Despossessão, violências e a potência transformadora: um olhar interseccional sobre as remoções. In: MOREIRA, F. A.; ROLNIK, R.; SANTORO, P. F. **Cartografias da produção, transitoriedade e despossessão dos territórios populares. Observatório de Remoções**. Relatório bianual 2019-2020. São Paulo: LabCidade, 2020, pp. 147-179.

MASSEY, D. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. In: **Geographia**. Niterói-RJ: Ano VI, n. 12, 2004.

MBEMBE, A. and S. Nuttall (2004) Writing the world from an African metropolis. **Public Culture** 16.3, 347-72, 2004.

MELO, V. **A produção recente de periferias urbanas africanas. discursos, práticas e configuração espacial: Maputo versus Luanda e Joanesburgo** (Thesis). Universidade de Lisboa, 2015.

MIGNOLO, W. “La colonialidad a lo largo y a lo ancho: el hemisferio occidental en el horizonte colonial de la modernidad”. In: Lander, Edgardo (org.). **A colonialidade do**

saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. (<http://www.clacso.org/wwwclacso/espanol/html/libros/lander/4.pdf>)
MIRAFETAB, F. Insurgência, planejamento e a perspectiva de um urbanismo humano. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** (online), Recife, v.18, n.3, p.363-377, set.-dez. 2016.

OLIVEIRA, F.; SÁNCHEZ, F.; TANAKA, G.; MONTEIRO, P. **Planejamento e conflitos urbanos: experiências de luta.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

PORTO-GONÇALVES, C.W. Da Geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades, uma reflexão sobre epistemes e territórios. CECENÑA, Esther; SADER, Emir (Orgs). **La Guerra Infinita: hegemonía y terror mundial.** Buenos Aires: CLACSO, 2002.

PORTO-GONÇALVES, C.W. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. Niterói: **Revista PósGeo** UFF, 2020.
QUIJANO, A. 2005. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, CLACSO, 2005.

RANDOLPH, R. & GOMES, P. H O. A contribuição da cartografia subversiva para o planejamento do espaço social. Caminhos para uma reflexão a respeito de “subversões” concretas. **Scripta Nova.** Vol. XIV, núm. 331 (29), 2010.

RENA, N. S. A.; BRANDAO, M. S. ; RENA, A; NEVES, B. Cartografia enquanto método de investigação: uma conversa com Virgínia Kastrup. **Revista Indisciplinar**, v. 2, p. 17-30, 2016.

SANTOS, R. E. Ativismos cartográficos: notas sobre formas e usos da representação espacial e jogos de poder. **Revista Geográfica de América Central.** Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica. II Semestre 2011. pp. 1-17.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STAVRIDES, S.. **Common Space. The City as Commons.** London: Zed Books, 2016.

WALSH, C. (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir.** Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. 553 p.

YANG, L. **Permacultura Urbana:** a criação de espaços comuns do Bem-viver no Rio de Janeiro. 2023. 64 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso, Escola de Arquitetura e Urbanismo - EAU. Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, 2023.